

## **DIÁLOGOS NO PRÉ-UNIVERSITÁRIO POPULAR FÊNIX: A MÍDIA E OS MOVIMENTOS SOCIAIS**

**CHILANTI, Leticia<sup>1</sup>**

**PEREIRA, Vilmar Alves<sup>2</sup>**

No presente trabalho foi realizado um breve levantamento como os educandos do Pré-Universitário Fênix vinculado ao PAIETS (Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior), observam os diferentes movimentos sociais que são debatidos nas aulas de Sociologia, e relacionam estes temas com questões historicamente construídas nas diferentes lutas sociais. Tendo isso em vista, foi utilizado na pesquisa, práticas descritas pelos professores no que tange a utilização de diferentes fontes de informação para resgate do pensamento coletivo difundido por elas, como base para os questionamentos e debates realizados em aula, assim como, a utilização de fontes históricas e a análise dos questionários realizados pelo professor aos educandos.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais; Educação Popular; Saberes Escolares

Ao pensarmos em educação devemos levar em conta as diferentes formas e ambientes nos quais ela ocorre, não por menos, ao direcionarmos nosso olhar sobre o processo de educação bancária, notamos o movimento de desumanização, o qual ao voltar os conteúdos utilizados, por exemplo no processo de alfabetização ou construção do dito conhecimento científico, não leva em conta a realidade do ser social. Logo, desumanizando toda sua formação e ignorando os conhecimentos que possui do meio que o cerca.

Tendo a desumanização do processo de educação e o afastamento do educando do contexto e do conteúdo trabalhando em diferentes realidades escolares, procuramos observar como os educandos do Pré-Universitário Fênix, vinculado ao Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior – PAIETS, veem os diferentes movimentos sociais apresentados pela mídia e observados no dia-a-dia das cidades, como são debatidos nas aulas de Sociologia, e relacionam estes temas com questões historicamente construídas nas diferentes lutas sociais.

O programa foi criado no ano de 2007 com o intuito de existir uma ligação entre os cursos populares que já existiam na cidade de Rio Grande com a universidade. O mesmo foi pensado e criado para fazer uma ligação eficaz entre os cursos, comunidades

---

<sup>1</sup> Graduanda em História Bacharelado na Universidade Federal de Rio Grande integrante do grupo PET Conexões de Saberes da Educação Popular e Conhecimento Acadêmico. <ticia\_lc@hotmail.com>

<sup>2</sup> Professor Doutor do Instituto de Educação da Universidade Federal de Rio Grande e tutor do PET Conexões de Saberes da Educação Popular e Conhecimento Acadêmico.

e seus saberes e a Universidade, desta forma sendo possível o acompanhamento e a reflexão e os sobre as atividades que ocorrem neles. Com a criação do programa foi possível a criação de novos cursos, que atenderam demandas em outras cidades, assim como o auxílio aos cursos com material de consumo, como cópias, canetas para quadro e giz, também com transporte para os pré-universitários mais afastados e a integração de todos os cursos, para um compartilhamento de saberes e culturas entre todos os pré-universitários, e, em alguns encontros, dos outros projetos também.

Atualmente os cursos pré-universitários que integram o Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior – PAIETS atuam em distintos contextos dentro das cidades de Rio Grande, São José do Norte, Capão do Leão e Santo Antônio da Patrulha, sendo Rio Grande a Cidade que abriga mais cursos e vertentes do Programa. Como o Projeto Educação para Pescadores e o PAIETS Indígena e Quilombola, que trabalham com a volta à escola de pescadores e agricultores e a permanência dos indivíduos vindos de comunidades tradicionais, respectivamente.

Embora todos estes cursos e projetos façam parte do Programa, que possui uma coordenação pedagógica e uma administrativa, o mesmo não interfere na condução das atividades conduzidas. Cada um destes possui sua própria coordenação, que tem autonomia e liberdade para definir as atividades, grade de horários, as dinâmicas, organiza os educando e educadores. Tendo isso em vista, utilizaremos na presente pesquisa, práticas descritas pelos professores utilizando diferentes fontes de informação para resgate do pensamento coletivo difundido por elas, como base para os questionamentos e debates realizados em sala de aula, assim como, a utilização de fontes históricas e a análise de discurso para melhor compreensão dos diferentes entendimentos acerca dos movimentos sociais dos questionários realizados pelo professor aos educandos.

Até o presente momento foram realizadas observações em sala de aula dos temas e fontes debatidos, o que, no entanto, permite uma análise prévia sobre como o processo de aprendizagem, quando desmistificado o imaginário criado pela mídia, pode permear a vida dos educandos, ampliar o olhar das diferenças existentes na realidade social a partir da percepção das distinções nos tratamentos que os diferentes grupos sociais recebem de suas demandas (GOHN,1994).

Entendemos que a educação pode ser vista como uma construção social e organizada por uma pessoa ou instituição com o intuito de atender uma necessidade de um coletivo determinado; no entanto o coletivo que observamos hoje, por vezes não é

particular a uma maioria, mas sim, uma minoria que se diz representante dos valores dessa maioria. Podemos notar, a relação de opressão e supressão de saberes e conhecimentos, que não são e não pretendem ser, utilizados para atender à necessidade do real coletivo (BRANDÃO,2006).

Não por menos, nunca buscará que o indivíduo obtenha tudo que precise para construir sua subjetividade, mas sim, para que o indivíduo reproduza e se aproprie de saberes que não lhes são comuns, e por vezes não são compreendidos por esses sujeitos ou educandos, tornando-os novos opressores, por não compreenderem ou se conformarem com a situação de violência a qual são submetidos. Dito isso, não significa dizer que sua visão de mundo, que por vezes mantem a reprodução de um sistema de opressão, deva ser totalmente ignorada, mas, sim, entendida, compreendida, como base para o processo de libertação. Assim, o estudo do meio tem sido visto como uma das principais estratégias de ensino utilizadas na construção do conhecimento crítico.

No entanto, o intuito da utilização da educação, é a formação integral desse sujeito, em primeiro é a humanização desse ser, assim, essa passa por um processo onde os oprimidos descobrem o mundo da opressão. Entendem que inúmeros valores por eles reproduzidos fazem parte de um processo sofrido de desumanização por parte do opressor, que busca a alienação do ser, para alcançar seus objetivos. Em segundo, transformar a realidade opressora. Assim, a chamada pedagogia do oprimido deixa de a ser, sendo um processo de libertação de si, das ideologias até então tidas como únicas, para um processo de libertação do outro em conjunto (FREIRE,1987). Quando analisamos a educação bancária encontramos o desacordo entre educador e educando, nesse modelo, os mesmos não podem andar lado a lado na construção e busca de respostas as problematizações do ambiente ao qual ambos estão inseridos.

Nesse sistema cíclico, cabe somente a apropriação de uma lógica que não permite a desconstrução de uma realidade desumana e de opressão; onde o educador é que educa, sabe, pensa, diz a palavra, é o protagonista e sujeito do processo; enquanto que os educandos são educados, não sabem dizer a palavra, são disciplinados e seguem tudo o que foi prescrito por uma lógica que não visa sua libertação, não quer ouvir. Nesse processo, a história do sujeito é apagada, não compreendendo que os saberes não são individuais, mas uma pequena amostra de vida de um determinado grupo social.

Esses grupos sociais, aqui mais diretamente relacionada aos meios de comunicação de massa, é visto de forma padronizada, justamente como meio de

alienação, dominação e manutenção das classes sociais. As diferentes formas culturais, segundo Leopoldo Volanin, assumidas por esses grupos, não são apenas processos de comunicação como expressão da ideologia econômica, mas são ferramentas de resistência, em que o receptor transforma a informação recebida pelos meios de comunicação e produz novos sentidos. Nesse sentido, Maria da Glória M. Gohn nos atenta que

A mídia insiste em ocultar deliberadamente aqueles aspectos da realidade que podem permitir ao cidadão apreender a totalidade dos fatos de forma a poder emitir um juízo. Há também esperanças: esperanças estas construídas através de experiências de vivencialmente de práticas coletivas, solidárias e contraditórias. Ainda que restritas a pequenos grupos, essas experiências têm tido grande efeito de ressonância no conjunto da sociedade e na própria máquina estatal/governamental. São experiências educativas, questionadoras do status quo vigente, preocupadas não apenas com a aquisição de bens materiais, mas também com a qualidade de vida que estamos construindo, com o projeto para o futuro que estamos gestando no presente. (Gohn, p.9.1994).

Assim, notamos que embora a vida dos educandos seja permeada pelo imaginário coletivo pela mídia, existem outras formas de adquirir conhecimento sobre o mundo, logo a prática em sala de aula assume desafios para que a educação histórica adquira um novo olhar do aluno, se tornando instrumento pelo qual poderá conhecer uma “pluralidade de realidades”, além de adquirir uma visão crítica da sociedade atual, acaba “resgatando, sobretudo, o conjunto de lutas, anseios, frustrações, sonhos e a vida cotidiana de cada um, no presente e no passado” (PINSKY, 2012, p. 65.).

Porém as representações dos alunos sobre uma determinada temática, retiradas ou reproduzidas por diferentes fontes de informação, tem sido motivo de inquietação para muitos pesquisadores. Segundo Bittencourt, o então conhecimento construído pelo professor na academia, pode ser distante ou contrário do ambiente social do aluno, solidificando a diferença entre conhecimento acadêmico e conhecimento produzido na escola a partir da realidade do aluno. Assim, tratando o conhecimento como algo despolitizado e sempre intelectualizado, sendo fabricado apenas dentro das instituições – acabamos formando cidadãos que são reprodutores de algo que não lhe é comum, que não atravessa sua vida ou cotidiano. (BITTENCOURT,2011).

Temos que atentar que os meios de comunicação de massa, sob o domínio das classes dominantes, transmitem valores que formam a força de opressão ideológica à sociedade, apresentando as organizações sociais como movimentos que desagregam o

sistema social, político e econômico do país, sendo considerados desordeiros pela grande mídia., No entanto, sabemos que os conflitos noticiados por ela são indicativos de um processo de lutas sociais, conflitos políticos e ideológicos entre organizações de grupos sociais oprimidos e os sistemas dominantes, e esses são detentores dos meios de comunicação.

Sendo assim, Freire, nos atenta que

Para dominar, o dominador não tem outro caminho senão negar às massas populares a práxis verdadeira. Negar-lhes o direito de dizer sua palavra, de pensar certo. As massas populares não têm que, autenticamente, “admirar” o mundo, denunciá-lo, questioná-lo, transformá-lo para a sua humanização, mas adaptar-se à realidade que serve ao dominador. (Freire, p.78. 1987)

Logo, os movimentos sociais quando recebem o olhar da mídia, tem sua palavra negada, quando são retratados, como exemplo apresentam negativamente a greve de professores para a população, omitindo, no entanto, dados fundamentais que os levaram a greve, como a desvalorização salarial do professor, o desgaste humano devido a quantidade de atividades que o professor se vê na contingência de realizar e afetivo, entre outros. Não por menos, a humanização das notícias apresentadas, referente a determinados segmentos e lutas sociais, se faz necessária, quando a lógica é tornar o ser, oprimido pela mídia, totalmente afastado de um segmento que também luta por melhorias que permeiam suas vidas.

As notícias, transmitidas mostram o mesmo objetivo dos de muitos órgãos de comunicação: criminalizar os movimentos sociais ou manifestações populares que passam os interesses de grupos que detém a concentração do poder e dos veículos de comunicação, o convencimento, aqui através da mídia, leva a mudança de pensamento da própria sociedade, em que tanto as ações da criminalização têm impacto no cotidiano do movimento e nas pessoas dele pertencentes.

No entanto, a consciência gerada no processo de humanização do movimento social, leva ao conhecimento e reconhecimento das condições de vida de parcelas de população, no presente e no passado, e não por menos, a identificação com lutas que eram vistas anteriormente como pertencentes ao outro, que é retratado pela mídia ou indústria da informação, como pertencentes ao ser que não é cidadão pois está lutando por algo que vai contra o discurso das classes dominantes, tanto economicamente,

quanto detentora da grande mídia.

Assim, o compromisso que o educador pode assumir com a comunidade que está inserido, tem a possibilidade de formar indivíduos críticos e atentos as transformações que podem afetar sua vida e o meio onde vivem. Ao observarmos as práticas realizadas em sala de aula, sem dúvida, se torna necessária atenção do educador no que tange os diferentes olhares que são voltados aos movimentos sociais pela indústria da informação, a mesma ganha força, com o apoio econômico e político, logo, os educandos não se veem como agentes críticos da informação ou produtores do processo histórico, mas sim, como reprodutores de discursos e representações difundidas pelas mídias.

Nesse sentido, temos que atentar para que não somente o conhecimento erudito seja necessário em sala de aula, se esse não permear tanto a vida do professor quanto a do aluno - dificilmente alteraremos o uso da frase repetida em muitas salas de aula, estudamos o passado para melhor compreender o presente; porém, o presente já é ontem, e por meio do conhecimento crítico, temos que ser agentes do futuro.

## **REFERÊNCIAS**

- \_\_\_\_\_.VOLANIN, Leopoldo. **Poder e mídia: A Criminalização dos movimentos sócias no Brasil nas últimas trinta décadas**. Disponível em: [www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/760-4.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/760-4.pdf) Acesso em: 10/09/2015
- BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BRANDÃO, C. R. **O que é Educação Popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis: Vozes, 2001
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17°. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos Sociais e educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- LERRER, Débora Franco. **Movimentos sociais, mídia e construção de um novo senso comum**. Revista Nera – Ano 8, N. 7 – julho de 2005 – ISSN 1806-6755.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu (orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- PINSKY, Jaime. **Nação e ensino da história no Brasil**. In: PINSKY, Jaime. (Org.). O

ensino de História e a criação do fato. São Paulo: Contexto. 2012.